

Da plenitude ao vazio na Cidade do Aço: memórias dos movimentos sociais em Volta Redonda (1980-1990)

Marco Aurélio Santana*

*a cidade está no homem
quase como a árvore voa
no pássaro que a deixa*

Poema Sujo, Ferreira Gullar

Introdução

A relação constitutiva entre memória e espaço foi apontada de forma decisiva por Halbwachs (1990) em seu já clássico *A Memória Coletiva*. Nele, o autor assinala as formas pelas quais um determinado espaço é representado pelas vias da memória, e ao mesmo tempo as maneiras pelas quais a memória está vinculada, lastreada e delimitada por um determinado espaço. De seu ponto de vista, “há tantas maneiras de representar o espaço quantos sejam os grupos”, assim como “cada sociedade recorta o espaço a seu modo [...] de modo a constituir um quadro fixo onde encerra e localiza suas lembranças” (Halbwachs, 1990, p. 159 e seg.).

Por sua vez, Pollak (1989 e 1992) indicou a vinculação entre memória e identidade, nos mesmos termos daqueles de Halbwachs. Assim, memória e identidade estão vinculadas e associadas em sua construção,

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

como apontado por Rousso (1996), no sentido em que a memória pode costurar rupturas temporais e espaciais, servindo também como resistência à alteridade. Nos dizeres de Pomian (2000), ela vincularia passado e presente.

Não se trata aqui de sinalizar com um processo de construção que se faça de forma lisa, sem conflitos e disputas. Ao contrário, o processo de construção da memória e da identidade se faz sempre conflituosa e disputadamente, cheio de “lembranças”, mas também de “esquecimentos” e “silêncios” (Pollak, 1989 e Santana, 2000). Isso, claramente, tem seu rebatimento na construção espacial. Como bem lembram Bourdieu (1989) e DaMatta (1997), o espaço tem muito mais que aspectos físicos e concretos. Ele é, e deve ser assim também pensado, social e simbólico, motor e fruto de representações. É um espaço que se torna lugar antropológico ao incorporar práticas, afetos, sentimentos (Augé, 2001). Um espaço vivido (Bachelet, 1998). Sendo também um *locus* de engendramento e conformação de práticas, como sugerido por Foucault (1979), de poder e contra-poder.

Portanto, as alterações em qualquer das partes que articulam memória, espaço e identidade, acabam por impactar as demais. O presente trabalho, seguindo esse eixo de preocupações, analisa as formas pelas quais militantes dos movimentos sindical e popular constroem suas memórias acerca das mobilizações experimentadas no município de Volta Redonda nos anos de 1980/1990, verificando as representações de cidade que perpassam esse trabalho de memória. A pesquisa é feita a partir da utilização da metodologia da História Oral, desenvolvida através de entrevistas com militantes e outros atores sociais participantes daqueles movimentos. Dado o espaço restrito de um artigo como este, optamos por selecionar extratos de maior significância de depoimentos, que não poderão aqui ser trabalhados em toda sua amplitude e riqueza.

Nos anos de 1980, na esteira do processo de redemocratização, as articulações entre o sindicalismo e os movimentos sociais empreendidas na cidade marcam uma época de intensa mobilização e associação desses movimentos empreendidos por trabalhadores, dentro e fora das fábricas, com respaldo da Igreja católica.

O ápice das mobilizações na cidade ocorreu na greve dos metalúrgicos da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), de 1988, na qual o exército ocupou a cidade e a usina, o que gerou vários confrontos e batalhas

campais que resultaram na morte de três operários Porém, também acompanhando a conjuntura política mais geral da chamada “década neoliberal”, nos anos de 1990, houve uma retração das mobilizações, sendo sentida uma ausência dos movimentos no cenário político e social da cidade.

Assim, na lembrança dos agentes, se os anos de 1980 são anos identificados como de “força”, “vitoriosos” e “gloriosos”, criando uma representação do espaço em uma chave positiva; os anos de 1990 são marcados pelas lembranças, com forte carga de emoção, como de “fragilidade”, “derrotas” e “dispersão”, assumindo o espaço um registro negativo. Isso leva a uma visão com marcas diferentes sobre a própria cidade. Antes vista como “combativa” e “engajada”, de “vida”; ela passa a ser vista como “alienada” e “desmobilizada”, de “morte”. Vejamos.

A cidade: do ouro ao aço¹

A cidade de Volta Redonda está localizada na região do Médio Vale do Paraíba. No século XVIII, a região era explorada por garimpeiros que a ela acorreram em busca de ouro e pedras preciosas. Foi deles que, primeiramente, partiu a denominação da curva do Rio Paraíba do Sul de “Volta Redonda”.

No início do século XIX, foram ali instaladas grandes fazendas de café, tendo escravos como mão-de-obra. Serão tais fazendas que determinarão tanto o desenvolvimento econômico, quanto o aumento populacional da região. A navegação pelo Rio Paraíba do Sul e a chegada da linha férrea da Central do Brasil, no ano de 1871, ligando o Rio de Janeiro a São Paulo, impulsionaram esse desenvolvimento, propiciando a criação de núcleos urbanos. Surge daí o povoado de Santo Antônio de Volta Redonda, o qual, em 1926, ganharia o título de distrito de Barra Mansa. A emancipação só viria em 1954.

Com a crise do café e a abolição, a decadência do Vale do Paraíba tornou-se visível, desestruturando a agricultura e estagnando a região.

1 Além das fontes bibliográficas, as informações suportes desta seção foram retiradas de www.portalvr.com.br e www.sindmetallvr.org.br, tendo sido recolhidas por Fernando Augusto Pozzobon, bolsista de Iniciação Científica, CNPq.

Assim, no início dos anos de 1940, o espaço urbano local em pouco diferia daquele surgido no século XIX. Será neste período que se instalará, ali, a Companhia Siderúrgica Nacional. Volta Redonda seria, daí por diante, a “Cidade do Aço”.

O debate sobre a criação no Brasil de uma usina siderúrgica vinha desde os anos 1920, tornando-se mais intenso na década de 1930, com o aumento da expansão industrial e as modificações no Estado brasileiro. O Estado Novo procurava reforçar a ação econômica estatal, o que criaria uma infra-estrutura para a industrialização – associada então ao “progresso”. Para isto, era indispensável uma siderurgia, área estratégica tanto no setor industrial quanto no militar (Morel, 2001).

Mas a CSN representava mais do que um grande impulso para a industrialização do país. Em primeiro lugar, ela foi pensada como um modelo, uma empresa exemplar. Representava, além disso, uma nova concepção da relação entre o Estado e a classe trabalhadora e de organização do trabalho (Morel, 2001). Esses ideais foram incorporados no processo de criação e elaboração da CSN, que, portanto, refletiu os caminhos tomados pelo Estado brasileiro depois de 1937.

A construção da usina, que teve início em 1941, mudaria a vida do antigo povoado de Volta Redonda para sempre. A chegada de uma enorme quantidade de trabalhadores para o empreendimento de diversos lugares do país marcaria este processo. A cidade e a usina se desenvolvem juntas. Mais do que isso, se pode dizer que a construção da usina determinaria o desenvolvimento da cidade para sempre.

A CSN estava presente em quase todas as esferas da vida de seus operários. Suas casas pertenciam à estatal, suas vidas eram investigadas por agentes, boa parte da cidade era gerida pela empresa. Dentro da empresa, existia um regulamento interno, conjunto de regras e de incentivos para garantir a cooperação do trabalhador (Veiga e Fonseca, 1989). Porém, deve-se notar que seus trabalhadores, junto a outros da região, não deixavam de desenvolver práticas que garantissem e ampliassem seus direitos.

Representações da plenitude: uma cidade movida

Os metalúrgicos de Volta Redonda acompanharam *pari passu* a conjuntura sindical nacional, seguindo caminhos bem parecidos. Em fins dos anos

1970, eles começam a tentar romper com uma prática sindical passiva, marcada pela liderança de setores “pelegos”, de há muito na frente de sua entidade, e com as políticas da CSN que em muito prejudicava os trabalhadores, sujeitando-os a condições de trabalho degradantes. Será na década de 1980 que setores progressistas tomam o sindicato, modificando a trajetória seguida no pós-1964.

Um dos pontos marcantes desse processo será a “abertura” do sindicato para os demais movimentos sociais que foram se desenvolvendo na cidade, muitos deles surgidos sob a chancela da Igreja católica local, capitaneada pelo bispo progressista Dom Waldyr Calheiros. Como indica o relato de um sindicalista da época,

É, eu acho que tem algumas coisas ali que são bastante curiosas, por exemplo, é indiscutível naquele período o esforço que a igreja fez pra envolver as comunidades nas mobilizações. Então, é, o bispo tinha uma coordenação que incentivava muito nesse sentido e a todo tempo procurava trabalhar integrado com o sindicato, com as associações de moradores, é, incentivando a mobilização, a participação, apoiando inclusive materialmente, né? E principalmente politicamente. (Militante Sindical I; entrevista concedida a Marco Aurélio Santana, Cristiane Muniz Thiago e Fernando Pozzobon, em 14/11/2003)

Entre tais movimentos encontramos o de posseiros urbanos, pelos direitos humanos, associações de moradores etc. De marcada pujança política e econômica frente aos demais movimentos populares, bem como de forte presença na cidade, não tardou para que o Sindicato dos Metalúrgicos assumisse proeminência e centralidade em termos dos movimentos sociais locais. A própria conquista do sindicato por setores progressistas já aparecia como uma ferramenta importante. Segundo um dos relatos,

O Sindicato dos Metalúrgicos nós ganhamos ele, nós mesmo, não foi os sindicalistas, fomos nós, o povo de Volta Redonda... que ganhou, e, assim, claro, junto com aqueles que são sindicalistas. Mas a gente precisava de derrubar o peleguismo... Todos nós na cidade sabíamos disso.

E prossegue;

E ganhamos, e durante um tempo o sindicato foi uma grande alavanca pra gente, porque a década de 80 o sindicato foi uma grande, a grande sustentação pra gente no movimento, porque a convocação dele era prontamente atendida, né? Não só do ponto de vista de quando ele nos chamava, nós militantes, como quando nós todos chamávamos a população em nome do sindicato, entendeu? Então, era, porque essa legitimidade era mão dupla, a gente legitimava o sindicato e ele legitimava o movimento popular. (Militante do movimento pela moradia; entrevista concedida a Marco Aurélio Santana e Fernando Pozzobon, em 10/12/2004)

Articulados, os movimentos sociais de Volta Redonda passam a ter uma inserção maior e mais profunda na cidade. Os metalúrgicos usavam seu poderio em termos de sede para reuniões, recursos para mobilização e divulgação etc. E recebiam em retorno o apoio em termos de logística para suas operações específicas, como as sucessivas greves que marcaram a cidade na época e mesmo o país, como a de 1988, em que três operários foram mortos pelas tropas do exército dentro da CSN. Tanto que nos anos 1980 formou-se um Fórum permanente que articulava todos os movimentos da cidade, com reunião na Cúria metropolitana. A associação entre eles era constante, como lembra uma militante da época:

Em Volta Redonda a gente fazia junto... qualquer coisa. Se fosse ocupar uma terra, lá tinha movimento sindical... Tinha a Igreja e tinha as associações de moradores, a comissão de posseiros, a comissão de direitos humanos, sabe? [...] As organizações pipocavam em todos os lados, cada provocação, cada semente que você jogava era um monte de coletivos que surgiam. (Militante do movimento pela moradia)

O sensível ascenso sindical e popular dos anos 1980 pode ser representado de diversas maneiras tanto nas sucessivas greves de metalúrgicos, quanto na vitória de Juarez Antunes, que fora presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e deputado federal, para a Prefeitura da cidade. O alcance atingido pelas mobilizações fica patente no relato de um sindicalista.

Essas mobilizações, elas influíram de modo decisivo em todo o contexto da cidade, desde eleições para as associações de moradores... na organização dos camelôs, comerciários, construção civil, motoristas, trabalhadores de ônibus. É claro, onde que teve com mais profundidade foi nos metalúrgicos [...] E, finalmente, a própria eleição do Juarez para a prefeitura refletiu essa mobilização e a amplitude dela, e foi um dos candidatos mais votados em toda a história da cidade. [...] Quer dizer, então todo o tecido social, estudantes, professores, todo o tecido social estava envolvido naquela mobilização. (Militante sindical I)

Isso acabou mesmo por arrolar toda a cidade nos efeitos das mobilizações, como foi o caso da famosa e trágica greve de 1988. A lembrança dos entrevistados indica as ligações entre o movimento no interior da empresa e o apoio extra-fábrica que garantia vitalidade e força aos trabalhadores. Como já vinha sendo feito, outros movimentos sociais davam suporte aos operários em suas mobilizações.

No caso dessa greve, por exemplo, não só as associações de moradores se empenharam como as mulheres dos trabalhadores, levando comida aos portões da fábrica para nutrir os grevistas. Por isso, não só o espaço fabril, mas o espaço da cidade, virou campo de disputa. A ação do exército na cidade durante a greve é bastante sintomática da rudeza tomada por essa disputa.

A entrada do exército em Volta Redonda foi sentida como uma verdadeira “invasão” e “humilhação”, que era experimentada não só por aqueles que “lutavam”, mas pelos demais moradores, solidários aos movimentos.

A cidade foi invadida. Nós encaramos o exército na rua. Na cidade toda foi vilipendiada naquele dia. Todo mundo, não tinha uma pessoa, mesmo os que não estavam na rua, os que estavam em casa, estavam se sentido humilhados, entendeu, violentados e solidários com os que estavam na rua lutando... né, com a invasão do exército, o exército chegando, marchando na rua, jogando bomba, né? e as pessoas, assim, transeuntes. (Militante do movimento pela moradia)

Tal “invasão” (ou “ataque”) foi respondida por novas formas de enfrentamento empreendidas pelos movimentos, às quais o exército tratou de maneira ainda mais dura, como indica um dos entrevistados,

E o exército atacou a cidade, então nós távamos no enfrentamento fora. Ali naquela vila. Os conflitos tiveram reflexos por toda a cidade. A memória da força bruta utilizada pelos militares é muito vivida. [O exército...] Nossa! Espancou brutalmente a população. Por exemplo, meu carro foi perfurado de bala, eles tentaram nos acertar. Nós tivemos que sair correndo, tacando pedra e correndo. Teve muito. Eles enfrentaram em duas frentes. Lá dentro [da Usina], né, mas lá dentro, no primeiro momento, lá dentro basicamente não houve enfrentamento. Houve assim, os trabalhadores entravam na aciaria eles não entravam lá. Aí o enfrentamento houve na rua, porque eles tentaram isolar a população pra não dar apoio, certamente pensando que fosse desocupar fácil. Não conseguiram, porque a greve durou dezessete dias. (Militante sindical I)

Cabe assinalar que esse processo de aproximação e articulação dos movimentos na Volta Redonda dos anos 1980, foi caracterizado também por tensões, marchas e contramarchas cuja análise escaparia dos marcos deste trabalho. Porém, vemos em dois relatos que isso ocorria, valendo a menção.

Nunca foi muito tranquilo, porque o movimento sindical nunca teve entendimento estratégico... Pra que serve o movimento popular. Ele sempre achou que o movimento popular existe pra dar sustentação às decisões deles... (Militante do movimento pela moradia)

Na mesma linha segue um outro militante que, identificando as positivities da relação, aponta também o peso do poderio econômico do sindicato que acabava influenciando na relação entre atores e nas suas atividades.

Não foi tudo positivo... Eles eram o poder... Eles tinham o poder econômico... Nos éramos o suporte... Existiam problemas... Mas

existia a relação... Com os outros anteriores não tinha nem relação... (Militante do movimento das associações de moradores; entrevista concedida a Marco Aurélio Santana, Fernando Pozzobon, Lurian Endo, Aroldo Bezerra da Silva, em 15/04/2005)

O clima de sucesso auferido pelos movimentos sociais dava a impressão de plenitude e alcance. Segundo um depoimento, nos anos 1980,

A gente tinha vida, sabe, podia não ter comida, mas tinha vida, sabe, a gente tinha vontade, a gente acreditava, a gente tinha proposta, a gente tinha projeto, tinha coragem de correr atrás, sabe, de juntar, as organizações pipocavam em todos os lados, cada provocação, cada semente que você jogava era um monte de coletivos que surgiam. (Militante do movimento pela moradia)

A cidade, antes “do Aço”, vira um jardim de terra fértil para os movimentos sociais. Em se plantando tudo dava, bastava jogar a “semente”. A “vida”, ter “vida”, ainda que sem “comida”, se definia por “correr atrás”, ter “vontade”, “crença” e “projeto”. Não são raros os depoimentos que também identificam aqueles anos na cidade como de “força”, “vitória” e “glória”. O que obviamente atraía a atenção de seus “inimigos”.

Olha, eu acho que essa cidade, governo nenhum gosta dela, nem o governo popular. Porque é uma cidade que se você puser o fósforo faz fogo, entendeu? Sempre foi assim... Em Volta Redonda a gente fazia junto qualquer coisa. Se fosse ocupar uma terra, lá tinha movimento sindical... Tinha a igreja e tinha as associações de moradores, a comissão de posseiros, a comissão de direitos humanos, sabe? Então, era uma coisa muito pesada pro sistema... juntando esse povo todo é muito pesado pra eles agüentarem. (Militante do movimento pela moradia)

Representações do vazio: a paz do túbulo

A chegada dos anos 1990 trouxe uma série de mudanças para a sociedade brasileira em geral e para os movimentos sociais em particular. A junção

entre abertura comercial, privatização, estabilidade econômica e desregulamentação dos mercados de trabalho, impactou a vida industrial brasileira e, por conseguinte, seus trabalhadores e suas agências representativas. Quando comparamos as décadas de 80 e 90, pode-se perceber que os trabalhadores brasileiros experimentaram dois períodos bastante distintos. Se a primeira pode ser considerada um período de mobilização e conquistas; a segunda deve ser caracterizada como de descenso e reorganização de práticas e estratégias, bem como de perdas de algumas conquistas.

Em Volta Redonda não seria diferente, ainda que a cidade tenha vivido tal experiência a sua própria maneira. Conforme indicado anteriormente, o ascenso dos anos 1980 chegou mesmo a estar representado na vitória de Juarez Antunes nas eleições para a prefeitura da cidade, em 1988. Porém, pouco depois de assumir o cargo, a sua morte em acidente automobilístico, considerado por muitos uma ocorrência “suspeita”, vai marcar um ponto de inflexão em termos políticos na cidade, já que quem assume é seu vice, fora das searas dos movimentos, vinculado ao que seria a política mais “tradicional” e “negocista” da cidade.

Isso dará aos movimentos, aproveitando a força acumulada ao longo dos anos, novo ânimo de luta para verem sua agenda na pauta do governo.

Ele fez um governo de quase quatro anos de oposição ferrenha nessa cidade. A gente chegou a ocupar a prefeitura, expulsar ele da prefeitura, ele ficou mais de 48 horas sem poder entrar na prefeitura. A gente obrigou o procurador geral de justiça e o vice-governador, o Nilo Batista, vir na cidade, a gente exigia intervenção, nós fomos pro Rio, nós fizemos passeata, a gente exigia intervenção na prefeitura, a gente invadia a câmara, entendeu? Mas porque já era um movimento que já tava vindo de trás. (Militante do movimento pela moradia)

Depois de quatro anos deste governo, uma “aliança progressista” ganha as eleições e, aparentemente, isso daria ao movimento mais esperanças de ver suas demandas reconhecidas e efetivadas no executivo municipal. Porém, o que se viu foi um sem número de divisões e conflitos, entre aqueles que acusavam o governo de promover a “cooptação” dos movimentos sociais e aqueles que, ainda que egressos dos movimentos,

mas agora operando no interior da prefeitura, acusavam os primeiro de “radicais”. No decorrer do processo, o movimento popular vai sofrer seguidos e profundos “rachas”. Como disse uma entrevistada “assim, os nossos amigos viraram inimigos”.

No campo sindical a perspectiva não era mais amena. Desde fins dos anos 1980, recrudescer a tentativa de privatização da CSN. No início dos 90 isso se tornaria uma política ostensiva e bem articulada que se efetivou a partir de muita propaganda, perseguição aos opositores e concessão de benesses. O processo foi muito “doloroso”, como lembra um entrevistado.

Eu vou te dizer uma coisa, eu nunca vi, eu não consigo entender como um país pode deixar uma empresa determinar o nascimento, o crescimento e a morte, digamos assim, nós não morremos, mas vamos colocar nesses termos, porque o sofrimento que eu vi nessa cidade aqui, cara, eu fiquei horrorizado, eu fiquei horrorizado com o sofrimento que eu vi e fiquei horrorizado com a omissão daqueles que não podiam ter se omitido, sabe, como se omitiram. Pelo menos falar eles tinham que ter falado, não falaram nada. Eu não me conformo até hoje das lideranças de esquerda do Brasil. (Militante do movimento das associações de moradores)

Ato contínuo da privatização foi a demissão no atacado de trabalhadores. A “companhia” que se julgava a “mãe” do trabalhador, passava a ser sua “madrasta”. Na memória dos entrevistados, o operário da CSN,

[...] foi colocado na rua de uma hora pra outra quase que sem mais nem menos... milhares de pais de família e que sofreram horrores, pessoas que trabalhavam na usina quinze ou vinte anos e que não sabiam fazer outra coisa. Os caras tão acostumados, o cara cresceu profissionalmente mexendo com negócio de aço. De repente, ele é despejado aqui fora e sem contar com um salário bem acima da média aqui fora, um cara que tem uma casa boa, num dos bairros melhores, acostumado a ter um carro bom, né? Alguns trocavam de carro todo ano, outros não trocavam todo ano, mas sempre podiam ter um carro bom, manter a família no padrão... Então, quando muitos metalúrgicos se viram assim sem

aquele emprego que garantia pra ele uma condição de vida acima da média muitas vezes, muitos não suportaram, muitos não tiveram condição psicológica de superar aquilo, muitos, eu conheço vários casos, entende? Então aquilo gerou, eu vi aquilo com muita indignação, sabe, eu, sinceramente, eu fiquei decepcionado demais com aquilo. (Militante do movimento das associações de moradores)

Situação tão ou mais aguda vivenciaram aqueles militantes sindicais que, por suas posturas, sofreram perseguição por parte da empresa, dentro e fora de seus muros, o que lhes dificultava outros acessos no mercado de trabalho local, demonstrando o controle da “companhia” sobre o espaço da cidade. Segundo um deles,

A gente ficava, vamos dizer assim, sem emprego, não conseguia emprego em lugar nenhum [...] não tinha nenhum meio de subsistência [...] e uma crise dentro da família terrível porque você não tem como sustentar mulher e filho... não tem nada... A gente vivia esse dilema, a gente queria levar a luta adiante mais não tinha gás. Então, falando assim francamente né? chegou um ponto que nós fomos derrotados pela falta de condição de subsistir. (Militante sindical II; entrevista concedida a Marco Aurélio Santana, em 22/08/2003)

A adversidade econômica trazida pelo afastamento do trabalho na empresa rebate nas demais esferas da vida social dos indivíduos, atingindo mesmo o nível da saúde e existência das pessoas. Neste sentido, o militante prossegue no relato de suas dificuldades, representando a trajetória narrada como um processo de “quebra” física e política, que coroa a derrota “pela falta de condição de subsistir”.

No meu caso aí eu cheguei num limite... que eu estava num estresse total, eu tomava remédio, só dormia tomando remédio né? Foi um estresse. Hoje nem eu mesmo mais consigo ter a dimensão daquele estresse que a gente viveu. Mas foi uma coisa assim que... eu tive uma hemorragia digestiva quase que fui para o tombo, fiquei quase precisando de transfusão de sangue. O outro companheiro teve enfarto. Aí chega uma hora eu não suportei mais, não tinha mais como eu caminhar. Então eu fui derrotado,

minha política foi derrotada ali naquele momento. Vamos falar assim, no popular, eu quebrei mesmo.

A vitória ideológica e prática da campanha de privatização tem impactos na empresa, ao reduzir drasticamente o número de funcionários, na cidade, via desemprego e mudança de eixo de atuação estatal para privada no que tange aos espaços públicos.

O Sindicato dos Metalúrgicos acabou por ter participação importante, mas ao lado da privatização. Isso porque, na virada entre as décadas de 1980 e 1990, um grupo de militantes se afasta das hostes da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e vai para a Força Sindical, disputa e ganha a eleição sindical, em 1991, mudando o eixo seguido pelo sindicato até ali, defendendo uma política menos aguerrida, de parceria com a empresa e sem vínculos com os demais movimentos.

Abre-se, assim, um período muito duro para os movimentos sociais na cidade. E será desta forma que os anos 1990 serão trabalhados pela memória dos agentes. O jardim fértil vira um deserto. A participação de outrora, vazio e ausência no cenário político. A política, despolitização. A “vida”, “morte”...

Segundo um dos relatos,

Agora [é] tábuas arrasadas mesmo... hoje é a morte da cidadania, esses últimos oito anos foi a pá de cal, entendeu... Não tem cidadania, nem a vontade de participar, sabe, de discutir, de disputar as idéias... É a paz do túmulo... (Militante do movimento pela moradia)

No que diz respeito à política, antes fonte da “vida”, o que se veria nos anos 1990 era a “Completa despolitização... completa. É, agora a pouco tempo o sindicato chama assembleias, mas as assembleias na verdade não são assembleias” (Militante sindical I).

A idéia de vazio abraça outras frentes, que se agravaram com a crise advinda da privatização e do desemprego. Segundo um sindicalista dos anos 1980 entrevistado, “Hoje a cidade não tem mais emprego”.

Assim, sem emprego, sem movimento e sem participação, a cidade se tornou uma estranha aos olhos daqueles que com ela tanto se identificaram. Segundo um dos relatos, “a gente diminuindo cada vez mais o número de pessoas na resistência... Gente que se cansava, gente que foi

embora da cidade, entendeu? Gente desempregada que se entregava...”
(Militante do movimento pela moradia).

Considerações finais

As falas do entrevistados nos servem como portas de entrada às suas representações acerca do espaço em que atuaram. Sente-se claramente, não só a diferenciação que buscam evidenciar entre os dois períodos, mas também a dor e o vazio trazidos pela derrota de um projeto, de um empenho e entrega de vida, individual e coletivo, da sensação de falta de espaço, de ausência de participação. As construções da memória dos dois momentos reportam a tipos distintos de representação e vinculação ao espaço, bem como de diferentes momentos de identidade entre os agentes, bem como entre eles e o espaço.

A cidade, campo fértil nos anos 1980, espaço de plenitude, política e existencial, deixa de sê-lo, para ser pensada enquanto um vazio, uma “tábua arrasada”. A intensidade e o tom das vozes oscilam de acordo com a cidade que desenham nas falas. Outros, talvez, desenhassem outra cidade, mas nossos entrevistados a representaram assim nas suas falas.

Claro está que a força da comparação entre os períodos por eles realizada dificulta a abertura de janelas para a percepção de novas apropriações, práticas, leituras e identidades que podem aparecer nos poros da cidade, as quais, pela força e peso das “derrotas”, custam em indicar e aceitar. Mas tal perspectiva lá está. A cidade, que já foi “combativa” e “metida à besta”; depois “despolitizada” e “apolítica”, pode nos dar ainda, em seus anos por vir, outras experiências a serem vividas e analisadas, com outras intensidades. Por isso, mesmo na moldura pessimista, na fala dos entrevistados cabe ainda a idéia de que

[...] cientificamente a gente não tem muita esperança pro ano que vem, não, tamo perdendo, perdemos o sindicato, perdemos a prefeitura, perdemos tudo, né? Perdemos tudo, mas assim, pela fé, que move a gente... essa tesão de que, se não for pra mudar então não adianta viver e como eu quero viver vamos ter que mudar.
(Militante do movimento pela moradia)

Assim, a memória serve uma vez mais para a ligação passado e presente, ela é construída neste jogo. Ela, como já assinalado por Lovisolo (1989, p. 16), funcionaria ao mesmo tempo como âncora e plataforma:

Enquanto âncora, possibilita que, diante do turbilhão da modernidade, não nos desmanchemos no ar. Enquanto plataforma, permite que nos lancemos para o futuro com os pés solidamente plantados no passado criado, recriado ou inventado como tradição. Esta, por sua vez, toma o sentido de resistência e transformação.

No caso em questão, é ela quem indica e mostra um passado de “conquistas” e um presente de “derrotas” e, ao fazer isso, é ela ainda quem sinaliza o que seriam os passos a seguir. Como bem nos lembra Calvino (2003), na descoberta de quanta escuridão existe em torno, é preciso concentrar o olhar nas luzes fracas e distantes.

Referências bibliográficas

- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Papyrus, 2001.
- BACHELET, Bernard. *L'espace*. Paris: PUF, 1998. (Col. Que sais-je?)
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003. (Biblioteca da Folha)
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a Rua*. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- LOVISOLO, Hugo. A memória na formação dos homens. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2 n. 3. 1989.
- MOREL, Regina L. M. A construção da “família siderúrgica”: Gestão paternalista e empresa estatal. In: RAMALHO, J.R., SANTANA, M. A. *Trabalho e tradição sindical no Rio de Janeiro: a trajetória dos metalúrgicos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

- _____. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10. 1992.
- POMIAN, Krzysztof. Memória. In: GIL, Fernando. *Sistemática*. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2000. (Enciclopédia Einaudi, v. 42)
- ROUSSO, Henri. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.
- SANTANA, Marco Aurélio. Militância, repressão e silêncio: relato de uma experiência com a memória operária. *História Oral*. São Paulo, n. 3. São Paulo: ABHO, 2000.

Resumo: O trabalho analisa as formas pelas quais militantes dos movimentos sindical e popular constroem suas memórias acerca das mobilizações experimentadas no município de Volta Redonda nos anos de 1980/1990, verificando as representações de cidade que perpassam esse trabalho de memória. A pesquisa é feita a partir da utilização da metodologia da História Oral, desenvolvida através de entrevistas com militantes e outros atores sociais participantes daqueles movimentos.

Palavras-chave: memória; espaço; trabalhadores; cidade.

From Plenitude to Emptiness in the City of Steel: Memories of Social Movements in Volta Redonda (1980-1990)

Abstract: This paper analyzes the ways in which members of popular and labor union movements build their memories about the mobilizations that took place in the city of Volta Redonda in the years of 1980 through 1990, by verifying representations of the city related to this work of memory. The research is made using the Oral History methodology, developed through interviews with members and other social players who participated in the movements.

Keywords: memory; space; workers; town.